

# SERMAM

DAS ALMAS

PREGADO

EM O CONVENTO DE SAM FRANCISCO  
Da Villa de Thomar, nos sufragios annuais, que fazem  
os Irmãos da Terceira Ordem por seus Irmãos de-  
funtos, sendo Ministro da mesma Ordem o  
Doutor Bertolameu da Fonseca  
Garcia em o An. de 1686.

PELLO

R. P. Fr. AMADOR DA CONCEIC, AM  
*Religioso Franciscano da observancia, na Provincia  
de Portugal.*



---

EM COIMBRA

*Com todas as licenças necessarias.*

Na Officina de MANOEL RODRIGUES DE  
ALMEYDA Anno de 1688.

SEIRMA

DAS ALMAS

PREGADO

EM O CONVENTO DE SAM FRANCISCO  
Da Villa de Thomar, nos ultimos annos, que fazem  
os Irmaos da Terceira Ordem por seus Irmaos de  
Irmãos, sendo Ministro da mesma Ordem o  
Doutor Berrolan de Faria  
Garcia em o An. de 1886.



BELO

R. P. FR. AMADOR DA CONCEICAO  
Religioso Franciscano da ordem de S. Francisco, na Provincia  
de Portugal.

REPUBLICA DE PORTUGAL

EM COIMBRA

Com todas as licenças necessarias.

Na Officina de MANOEL RODRIGUES DE  
ALMEIDA Anno de 1888.

*Anima mea turbata est valde, sed tu Domine usque-  
quo?* Psalm. 6.

**D**OVS ham de ser, ou dous devem ser os Sermoens, a que hoje se obriga o Pregador: Ha de pregar das Almas, & ha de prégar às almas, mas nam sei em que almas entrará melhor o Sermam, se nas almas que me ouvem prégar da sua vida, se nas almas que já experimētaram a nossa morte? Desejava eu que hūas, & outras, assim as que estam nos corpos, como as que estam em penas, se fallassem hoje pera ouvirem este Sermam, & eu asseguro que ficasse o auditorio tam desenganado da sua vida, quanto se engana hoje com o pregador. Nam vem senhores o meu Sermam fazer confonancia aos ouvidos, vem bater às portas da alma; & se alguem lhe abrir às portas, nam considere somente, que lhe falla hum homē amortalhado, mas considere tambem que ouve fallar a hum prègador defunto.

Quando no coração dos homens nam entrar este desengano, requeiro hoje da parte de Deos às pe-  
A 2

dras, & às campas, que se defenganem, & façã por  
 ouvir o meu Sermaõ, pois haõ de ter as pedras tam-  
 bẽ hũa hora em que naõ ha de ficar pedra sobre pe-  
 dra. Mas ja vejo que mais facilmente se defengana-  
 ram as pedras, do que se ham de defengandar os ho-  
 mens. Hũa pedra tinha Alexandte Magno de tanto  
 valor, & de tanto preço, que posta em hũa balança,  
 ella sô pezava mais, q̃ quãto se punha da outra parte  
 mas na hora q̃ a chegavaõ a polverizar com cinza,  
 qualquer coufa pesava mais q̃ a pedra: quizerãõ os  
 Filósofos penetrar este segredo, & nũca o puderam  
 conseguit, mas se a pedra fallãra, sô ella o podia di-  
 zer: Pois dizeme pedra (se he que podẽs fallar) quẽ  
 abalou este teu pezo, quẽ cõfundio a tua preciosida-  
 de? O ouro, a prata, o ferro te naõ moviaõ, & ja nam  
 tẽs peso? Iã naõ es preciosa? Si, diria a pedra se fallas-  
 se; ja naõ tenho preciosidade nẽ valor; porq̃ me che-  
 garaõ hũas cinzas de fogo a desenganar, & se o fogo  
 tãbẽ me pode cõsumir, basta sãmẽte hũs sinais de fo-  
 go pera o meu desẽgano, ainda q̃ seja hũa pedra na  
 minha dureza: sentẽ as pedras hũs sinais de fogo, &  
 naõ se presẽtiraõ os homẽs de hũ fogo eterno, mas  
 ouçamos a David na queixa das almas, & pode ser  
 que tenham mais effeito as tuas queixas, do que as  
 minhas vozes.

He certo q̃ hũa memoria aõ molesta, hũa intelligẽ-  
 cia aõ martyrizã, hũa võtade aõ cõfunde; a memoria  
 nas culpas q̃ fizeraõ, a intelligẽcia nas penas q̃ pade-  
 cem,

3  
cã, a vôtade na esperãça em q̃ vivẽ. A esperãça por  
dilatada he cruel peña, o tormẽto por excessivo he  
desigual tormẽto; a lãbrãça por offensora incõpati-  
vel magoa. Pois se os tormentos, pois se os excessos  
chegãõ tão demasiadamente a perturbar hũa alma:  
*anima mea turbata est valde;* atẽ quãdo Senhor ham  
de durar estes tormentos? *Sed tu Domine usquequo?*  
Hoje supomos q̃ dão todas as potências da alma lu-  
as queixas; porq̃ lhẽs chega a rezaõ das queixas a al-  
ma. Queixãse a memoria, queixãse o entẽdimẽto, &  
queixãse a vôtade da alma; propoẽ a memoria a ma-  
goa, no q̃ já passou pellos mortos, represẽta o etẽdi-  
mẽto o rigor no q̃ ha de passar pellos vivos, ã comẽ-  
da a vôtade o desẽgano, mostrãdo aos olhos dos vi-  
vos os gritos, & solpiros dos mortos. Porq̃ se uniraõ  
na vida todas as potências ao corpo pera seus gostos,  
por isso se uniraõ agora na morte todas as potências  
da alma pera suas queixas. Queixãse todas de todo o  
tẽpo; do passado; porq̃ o perderãõ; do futuro porq̃  
lhẽs tarda, & do presẽte porq̃ o padecẽ. Em outras se  
melhãtes afflições se queixava David, & dizia a Deos  
q̃ padeciaõ grãde turbação as potências de sua alma;  
padecia a memoria na lãbrãça da culpa: *Dele iniqui-* Pf. 50. n. 3  
*tatẽ meã;* padecia o entendimento na intelligencia  
da pena: *Anima mea turbata est valde;* & padecia a  
vôtade na esperãça do perdã; *sed tu Domine us-*  
*quequo?* Estas tres potências da alma cativas, samas  
que no purgatorio atormentaõ as almas; consiste

o seu tormento em se lembrarem das culpas, com que offenderam a Deos; eis aqui o que faz a memoria; consulte em entenderem as penas, com que se abrasam; eis ahi o que faz o entendimento; consiste em desejar o perdão que pretendem; & eis ahi o q̄ appetecê a vontade. Porem como a alma se vé perturbada nos tormentos, como as potencias da pena podem mais que as tres potencias, todas estas potencias da alma se mostráram hoje queixosas: Hase de queixar a memoria; hase de queixar o entendimento; & hase de queixar a vontade.

Ouçamos a primeira queixa da alma, ou para melhor dizer, ouçamos a primeira potencia queixosa; queixa se a memoria; porque a magôa a lembrança do tempo passado; que do tempo passado he que a memoria se lembra; assim o disse Tullio:

Cic. 2. de  
invent.

*Memoria est ad mentis intuitum, imaginaria quædam representatio præteriorum.* Lembralhes que puderam com poucas horas de penitencia descontar muitos annos de Purgatorio, sam perdas grandes; sam perdas para choradas mais que grandes; as perdas do tempo passado, & atormentam mais as magoas; que a memoria recorda, do que todas as magoas que se padecem. Ahe os olhos se conhecem a pena, em quanto lhe dam a vista, nam sei se lhe daõ as lagrimas; a memoria se se lembra da pena em quanto estuda a pena, os olhos registam o cliofo; se os

olhos vem a pena de presente, occupamse em ver; mas se os olhos vem pella memoria a pena já passada, occupamse em chorar. Tem as penas na alma dous registos, por hum se abre a fonte aos olhos, & por outro se fecha; se a alma vé com os olhos o que deve chorar, fecha o registo às lagrimas: se a alma se lembra do que nam chorou, abre o registo á fonte dos olhos, & sam mais pera sentidas, saõ mais pera choradas as penas, de que a memoria se lembra; nam sain tanto pera sentidas as penas, em que os olhos se estampam.

Viose Joseph cativo dos Ismaelitas, porque o videram seus Irmaõs, & nam chorou Joseph este cativo; vieram os Irmaõs a Egypto, | & disse Lyra, que vendo entre elles a Benjamin, que senam achara na venda, se poz a chorar a desgraça passada: *Flevit quia non fuerat cum alijs fratribus, quando venderant Ioseph.* Pois Joseph nam era neste tempo Viso Rey de Egypto? Nam lograva a este tempo os foros de Senhor? Si; porque chora logo Joseph entre os Irmaõs feito Senhor, & nam chora entre os Irmaõs feito cativo? porque chora na privança, & não chora nos grilhoens? A rezam he, porque feito cativo via os grilhoens com que o tinham prezo: via suas magoas aos olhos; feito Senhor recordava entre os Irmaõs as suas prizoens, & as suas magoas na memoria; & as magoas que a memoria lembra, abre

Gen. 43.

Lyra. ibi

os olhos pera o choro: as magoas que os olhos vem impedem o sentimento pera as lagrimas: Joseph vido ufava do sentido corporal da vista, que era ver as suas prisoens; Joseph Senhor ufava da potencia espiritual da alma, que era a memoria de seu cativoiro, & queixale mais das penas que a memoria lhe recorda, nam se queixa tanto das penas que os olhos lhe intimam. Sentem as almas no Purgatorio as penas, & tambem se lembram no Purgatorio das culpas; mas ainda que tiveram olhos para ver as penas, nam haviam de sentir tanto as penas vistas com os olhos, como sentem as culpas recordadas na memoria.

Pellas culpas se lembram da offensa que a Deos fizeram; pellas penas se chegam a Deos, que as castiga; afastavamse de Deos pellas culpas; chegamse agora a Deos pellas penas; & tem mais queixas a memoria, quando se lembra dos retiros da alma, q' lhe fazia a culpa. Nam tem tantas queixas a memoria, quando se lembra das unioens da alma que lhe faz a pena; porque as culpas faziam a alma fugitiva de Deos, as penas fazem com que para Deos se chegue a alma; & nam deve a memoria queixarse tanto de hum tormento por onde se chega a Deos, como por huma culpa por onde de Deos se foge. Mandou Nabuco preparar huma fornalha de fogo, & nella lançar tres mancebos, que não adorã

ram a estatua, mas vio Nabuco que entre elles andava demais hum com semelhantes de Deos: *Species quarti similis filio Dei.* E tanto nos olhos tinha Dan.3. Deos estes mancebos, que se foy meter cõ elles no fogo? Si, porq̃ no fogo naõ fizeraõ memoria dos seus tormetos, mas fizeraõ memorias dos seus peccados: *peccavimus enim* (differam elles,) *& inique egimus;* & se pella memoria das culpas, se confessavaõ peccadores, logo pello tormento do fogo se acharaõ cõ Deos. A memoria era dos peccados: *peccavimus,* o tormeto era do fogo; mas pello tormeto se acharaõ cõ Deos na fornalha, quando pellos peccados se representavaõ sê Deos na memoria, & por isso se queixão mais dos peccados, q̃ a memoria lhes aponta, naõ se queixão tãto dos tormetos, q̃ as chamas lhes fazê. Padecê as almas no Purgatorio o castigo das penas, & padecê tãbem na memoria a lembrança da culpa; esta lhes mostrava como se apartavam de Deos, aquelle lhes ensina como pera Deos se chegam; & assi mais se queixa a memoria do tormento, por onde se vem distãcias com Deos, do que do tormento por onde cõ Deos se vê unioes? Logo se a memoria das almas se lêbra pera maior tormeto, tãbê he justo que façamos memoria do seu tormeto pera lhe dar alivio: a sua memoria pode ser que se lembre cõ queixas, porque a nossa memoria se lêbre cõ suffragios. Queixamse no Purgatorio, ou supponmos

B que

que vivem queixosas, assim como no inferno vivem queixosas as almas, mas supposto as do inferno tenham mais razões de queixas, tem as almas do Purgatorio mais razões de sentimento; porque no Purgatorio vivem com esperanças, no inferno com desesperações; & he maior o tormento daquelles onde huma esperança atormenta, nam he tam grande o tormento daquelles, onde huma desesperação afflige. Logo darei a rezão, & nos mesmos termos dou a prova.

Matou Cain seu Irmão Abel, & sendo a morte tam injusta, nam tirou Deos aqui a vida a Cain. Achou se Saul quasi morto no campo, & pedindo a hum seu criado o acabasse de matar, nam permitio Deos, nem quiz o criado, & o deixou padecer. Pois compadece se Deos de hum homem que merece, por matar seu Irmão, muitas mortes, & nam ha quem se compadeça de hum homem que por alivio pede termo à vida? Cain que merece a morte hade ter vida? Saul que tem por alivio a morte hade padecer? Si, porque Saul desesperava da vida, & acabou se de matar: *Arripuit itaque Saul gladium suum, & irruit super eum.* Cain que merecia a morte teve esperanças de vida, & disse a Deos que nam tomara morrer: *Omnis igitur qui invenerit me, occidet me.* Logo se Saul em si mostra huma desesperação, nam haja quem delle se compadeça, se Cain vive em hũa esperan-

esperança, tenha Deos delle compaixam, que pede mais compaixam huma esperança porque atormenta mais, & nam ha mister tanta compaixam hũa de desesperaçam porque atormenta menos. A rezam disto he, porque o desesperado tira os olhos de todo o remedio, com que nam quer ser de si compadecido, o que espera poem os olhos em todo o lugar, pera aliviar suas magoas, & he maior tormento estender os olhos a todas as partes, sem ver chegar o alivio, nam he tam grande tormento fechar os olhos pera todos os lugares, desesperando do remedio, & assim o desesperado padece pello que já nam quer, o que espera padece pello que nam alcança; com que o tormento de hũa nam alcanço, excede muito mais o tormento de hum nam quero; assim o deu a entender S. Joam Chryfostomo, fallando da mesma pena *damni*, que as almas tem no Purgatorio: *Ego illius gloriæ amissionem multo amarius, quam ipsius gehennæ, dico esse supplicium.*

Devemos logo ter toda a compaixam daquellas almas, a quem huma esperança aflige, nam devemos compadecernos das almas, a quem huma desesperaçam atormenta; porque estas sam as do Inferno, onde nam tem lugar a remissam, aquellas sam as do Purgatorio, onde por serem as esperanças tam afligidas, todas as compaixoens sam necessarias, & havemos de ter muita memoria das suas penas, pois

Chryf.  
ho. 24. in  
Matth. &  
Soar. 4.  
to. 3. p. d.  
46. lect. 3.  
n. 7. & D.  
Th. 4. d.  
20. q. 1.  
art. 2.

ellas tem tanta memoria das suas culpas. Se advirtimos em nos, muito bem sabemos, que a alma em quanto anima o corpo he alma, em quanto quer he animo, em quanto sabe he entendimento, em quanto lembra he memoria, em quanto julga he rezam, em quanto espira he espirito, em quanto sente he sentido, mas em quanto he alma do Purgatorio se vivifica, sam as chamas nam ao corpo; se quer nam he animo; he ancia; se sabe nam he entendimento, he pena, se lembra nam he memoria, he magoa, se julga nam he rezam, he desacordo; se espira nam he espirito, he desmayo; se sente naõ he lético, he lético; & cõ estes effeitos de vida trocados em pena, vivem perturbadas as potências da alma, & se queixa em primeiro lugar a memoria, pois lhe chegam a alma estas queixas: *Anima mea turbata est valde.*

Temos ouvido as queixas da memoria, ouçamos as do entendimento. He o entendimento <sup>212</sup> discursar avilado, & deve ser no sentir discreto; discursa o entendimento no tempo que lhe falta de Purgatorio, conhece a dilaçam pera gozar de Deos: vesse metido em hūas esperanças largas, & prorrompe em queixas de feu rigor. O mais entendido, he o que mais padece; & já o Filosofo disse que o entender era hum certo modo de padecer: *Intelligere est quoddam pati.* Os necios padecem menos, porq̃ entendẽ pouco, os entendidos padecem mais porque entendẽ mais.

Aristot.

Viciu.

ellas

B

mais.

mais. Ia houve quem affirmou, que o maior enemigo, que tinhamos era o nosso entendimento; bẽ disse, mas disse pouco; eu digo agora que no nosso entendimẽto temos os maiores dous inimigos; depois que o enemigo tira a vida a quem perlegue, acabou a sua crueldade; assi tomara eu que fora o entẽdimẽto, mas a minha queixa he que o nosso entendimẽto he o nosso inimigo na vida, & o nosso inimigo na morte, na vida por sentir em o corpo o q̃ entende, na morte por entender na alma o que sente; & pera sentir tẽ o entẽdimẽto tanta intelligencia, q̃ atormetão mais as penas entẽdidãas, dos q̃ as penas no corpo executadas: quero dizer, atormentaõ mais as penas q̃ se entendem, & q̃ se padecem, nam atormentam tanto as penas que se padecem, & nam se entendem.

Do sacrificio de Isac pregũta S. Pedro Chrysologo, quẽ padecia as magoas, se Abram sacrificãdo, se Isac, morrẽdo, & resolve q̃ Abraham: *Patris ibi erat* Chryf. Serm. 10. de Abrah. sacrific. *tota passio, ubi filius immolabatur*; Pois se Isac era a victima q̃ sacrificava, como pode ser q̃ fosse o pay so o q̃ as magoas padecia? *Patris ibi erat tota passio*: A rezam he, porque o filho padecia a morte, mas nam entendia a rezam, que tivesse hum pay de matar a hum filho; o pay alem de entender a rezam porque matava o filho, sentia juntamente a morte, q̃ lhe dava sendo pay, & era toda a pena pera Abrã, pois sentia, & entendia a morte do filho, nam era

tanta a pena pera Isac, porque supposto sentia, nam  
 entendia a morte que lhe dava seu pay. Isac rece-  
 bendo a morte tinha hum alfange pera lhe cortar o  
 corpo, Abram entendendo a morte tinha hum en-  
 tendimento pera lhe cortar a alma, & maior golpe  
 fazia a intelligencia da morte em Abram, do que  
 fazia a execuçam da morte em Isac; porque Isac  
 sentia so no corpo, que he potencia sensitiva, mas  
 Abram sentia tambem no entendimento que he po-  
 tencia da alma, & os golpes que o entendimêto atir-  
 ra a alma sempre continuam, os golpes que a morte  
 atira ao corpo logo fenecem; com que vinha neste  
 sacrificio a ser o entendimento maior verdugo pera  
 Abram, & vinha a ser o alfange menor verdugo pe-  
 ra Isac, porque se ha entendimentos agudos, assim  
 como ha agudos alfanges, mais cortam os fios do  
 entendimento a quem padece, do que os fios do al-  
 fange a quem morre.

Padecerám muitos no mundo suas penas, mas  
 nam entenderám a causa porque as padecem; porẽ  
 as almas do Purgatorio assim como padecem as pe-  
 nas, entendem a causa, & crece mais o seu sentimẽ-  
 to; sam muito entendidas, porque sentem muito o  
 que entendem, & como o sentimento he grande nas  
 penas que tem, se apura mais o seu entendimêto nas  
 affliçoens que padecem. Deramse às mãos o sentir,  
 & o entender, pera atormentarem huma alma em  
 o Pur-

o Purgatorio, quando entende sente castigos, quando sente entende penas: quando entende sente o não lograr a Deos: quando sente entende o anello perdido; quando entende sente a penitencia que faz; quando sente entende o desemparo em que vive. Estas sam as duas guardas que encarceram huma alma em o Purgatorio, està presa da mam do entendimento pera entender, presa da mam do sentimento pera sentir, sendo estas duas guardas que lhe assistê, aquellas mesmas que atormentam huma alma. De setenta soldados constava a guarda, que Salamam poz ao leito de sua esposa, & Theodoreto disse nos seus commentarios, que cada hum delles tinha duas espadas, huma chamavase a espada da reprehensam pera cortar, outra a espada da intelligencia pera entender: *Binos gestant gladios*, diz o Santo *unum reprehensionis, alterum intelligentis*. Estes soldados com esta forma cercavam o leito da alma santa; Pois ha de estar cercada huma alma com duas espadas, huma que corte, *unum reprehensionis*, & outra que entenda: *alterum intelligentiae*? Si; porque eram espadas de quem assistia a huma alma; & se huma como espada de reprehensam cortava por onde se sente, & outra como espada de intelligencia feria por onde se entende, sò pella alma que guardavam deviam cortar, pois nam ha quem sinta, nem entenda mais que huma alma, com que se achava esta alma

Cât. 3. n.

7.

Theod. in cômêt.

ma

ma bem dita cercada de duas espadas; mas como a alma tem o sentir, & o entender com mais capacidade pera os tormentos, eram espadas estas que cortavam mais pella alma que guardavam, que por aquelles todos de quem a defendiaõ. Por aqui vemos que as guardas que assistem a huma alma em o Purgatorio, sam o seu entendimento, & o seu sentimento, que supposto nos pareçam guardas pera Deos nam ser offendido, como representavam as de Salamam, sam verdadeiramente espadas que poem as almas a tormento, como faz o sentir, & o entender em as almas do Purgatorio. Tudo lhe faz presente o seu entendimento; entendem a causa porque se cortam com huma espada de fogo, & sentem a culpa porque lhe correm a espada da pena, que o mesmo he entender o entendimento as penas, do que sentir os martyrios: quem nam entende, nem sabe de si, nam entenderà, nem saberà do seu tormento; mas quem entende, & sabe de si, sabe, & entende como o tormento molesta; & vem as almas nam sómente a ter o sentimento por castigo; mas ainda a entender o sentimento por excesso. Quem dirà que as penas dos ~~entendidos~~ se podem igualar com estas penas?

Pedio o rico avarento do Inferno, que Abram mandasse a Lazaro refrigerarlhe a lingua: *Mitte Lasarum, ut refrigeret linguam meam*, & no Inferno pade-

Luc. 16.  
n. 24.

denada

padecem os corpos, ou padecem as almas? He certo  
 que as almas sam as que padecem. Pois se o Avarê-  
 to padece na alma, porque pede alivio pera a lin-  
 gua, ou pera o corpo? Porque o Avarento sentia,  
 mas nam entendia as penas, sentia as penas porque  
 pedia remedio pera o corpo, que he sensitivo, nam  
 entendia as penas, porque nam pedia remedio para  
 a alma onde padece o entendimento. Colhe se esta  
 certeza da resposta que Abram deu ao rico: disse lhe  
 Abram: *Recordare quia recipisti bona in vita tua;*  
 lembrete rico que possuiu muitos bens em tua vi-  
 da: Nam se lembrava o rico dos bens, que eram a  
 causa porque padecia; & como nam entendia a  
 causa do seu tormento, sentia o tormento, mas  
 nam o entendia; por isso quando o rico se lembra  
 das chamas que padece, lhe diz Abram que se tor-  
 ne a lembrar: *recordare*, pois sentindo como pa-  
 decia a lingua, nam queria entender porque pade-  
 cia a alma, & mostrou Abram que a pena a que  
 nam queria dar o entendimento era muito maior  
 pena por ser pena entendida; & que a pena que  
 relatava no corpo nam era tam grande pena,  
 por ser pena executada. Vejam os entendi-  
 dos, o que padecem as almas, ou o que pa-  
 dece nas almas, o entendimento, & logo se doe-  
 ram destas penas os bẽ entendidos; q se chegamos  
 a entender bem o que ellas padecem, logo tiveram

o alivio que nas penas procuram; ponhamos logo o entendimento nestas penas, que assi remediamos as almas, & por isso chegam oje as queixas do entendimento a alma, pera que a nossa alma chegue com o entendimento ao Purgatorio. Nam se perturbê as nossas almas nestes suffragios, ja que as almas se perturbam com estes tormentos: *Anima mea turbata est valde.*

Queixase ultimamente a vontade, ou queixale a ultima potencia da alma, que como mais amante, sempre foy a ultima nas queixas. Purificase o amor nos tormentos, & padecem as almas todas em quanto nam chegam a Deos; assi parece que a Deos se queixam, & com rezam, pois sò pera Deos sam os empregos da sua vontade. Deos he o que as castiga, & pera Deos he seu amor, as ancias as atormentam, & pera Deos sam os seus disvellos; as ausencias as martyrisam, & pera Deos sam as suas saudades. Pois Senhor diram as almas, se padecemos tantas penas; se até este tempo estamos amantes, até quando Senhor haveis de ser severo? *Sed tu Domine usquequo?* Os tormentos bem podem apurar o amor, mas as esquivanças exasperam a vontade, & nunca se vio nestas penas amor queixoso, sem ser primeiro muito sofrido, que quando as queixas saem da vontade, já os tormentos entram pella alma. Eu tive pera mi, que o amor dera em ser mudo depois que se achou cego,

cego; porque senam via quem lhe molestava a vida, nam quiz tambẽ publicar como padecia a morte; porem como o amor correo sô por conta da alma, mudou logo a natureza: usou das vistas, & usou das palavras; usou das palavras, porque lhe chegaram a alma as razoens de queixa, & usou das vistas, porque lhe tocavam na alma as ausencias de Deos. Com que se Deos dilata os logros de seu amor às almas, sô nestes desejos sam justas as queixas; & he maior pena pera os que estam amantes, hum desejo que se dilata, que huma morte que se padece.

Muito custou a Christo a oraçam que fez ao Padre Eterno no horto; custoulhe tantas ancias, que suou gotas de sangue: *Factus est sudor ejus sicut gutta sanguinis*. E que razam houve pera suor tam defusado? Responde a Glosa: *Sudat ex apprehensione imminentis tormenti*; pella apprehençam dos tormentos visinhos, suava o Senhor esse sangue. Pois nam desejava Christo a morte como a mesma vida? Si: *desiderio, desideravi*; como logo a visinhança dos tormentos o defanima tanto, que lança de si por suor rios de sangue? Nam sua sangue diz Simam Casfiano, porque tenha os tormentos visinhos, mas por que tendo a morte diante dos olhos se lhe dilatava: *Sudat Christus morte vicina, quia ventura in crastinum*. Maior duvida! Trinta & tres annos de dilataçam pera resgatar os homens nam he pena, & hum

Luc. 22.  
num. 44.  
Liran. ibi

Simam  
Cass. l. 12.

dia que lhe tarda a morte, já o faz suar sangue? Si;  
 porque nos trinta & tres annos tinha a morte mui-  
 to afastada, nesta hora tinha a morte diante dos o-  
 lhos, & hũa dilação ao longe admite vagares, com  
 que se vive, mas posta à vista, & dilatar-se pera ou-  
 tro dia, causa muitas afflições com que se mor-  
 re: *Sudat Christus morte vicina, quia ventura in  
 crastinum.* Tinha o Senhor posto já hora a mor-  
 te: *Sciens quia venit hora ejus*, mas a occasiam a  
 destinou para outro dia: *Ante diem festum Pas-  
 chae*; & ter o Senhor a occasiam aos olhos, tran-  
 ferir-lhe pera outro dia, isto he obrigar a hum  
 corpo a que se banhe em fuores de sangue. Pois se  
 as dilações do amor de Christo pera os homens  
 affligem tanto, como affligiram as dilações do  
 amor das almas pera Deos? Padece Christo as di-  
 lações de seu amor a mares de sangue: padecem  
 as almas do Purgatorio as dilações de seu amor  
 a mares de penas; & se Christo cercado de san-  
 gue fez queixas ao Padre Eterno: *Pater si possibi-  
 le est transeat à me Calix iste*; Porque nam faram as  
 almas do Purgatorio queixas ao Padre Eterno cer-  
 cadas de tormentos? *Sed tu Domine usquequo?* Nam  
 pode Christo sofrer estas dilações sem vir logo hũ  
 Anjo dar-lhe alento: *Apparuit Angelus confortans  
 eum.* Pois Senhor como senam hain de queixar as  
 almas nas dilações de seu amor, senam mandais  
 hum

hum Anjo abrir lhes o Ceo: *Sed tu Domine usquequo?* As queixas de Christo eram; porque não te-  
 gate nam acabava de lograr o amor dos homens;  
 as queixas das almas sam; porque no Purga-  
 torio nam acabam de lograr a vista de Deos. Pois  
 Senhor, se he tanto sem comparaçam, maior  
 a pena de nam chegar a lograr de todo o amor de  
 Deos, do que a pena de nam chegar de todo a lo-  
 grar o amor dos homens; até quando Senhor ham  
 de durar estas penas: *Sed tu Domine usquequo?* Assim  
 o permitis Senhor, & suppõe esta queixa nas almas.  
 Nam estranhará Deos esta queixa; porque as an-  
 cias sempre trazem queixumes: estranhará nam fa-  
 zermos suffragios pelas almas, pera lhes tirar a re-  
 zam de queixolas; duas cousas fazemos, ou duas cou-  
 sas alcançamos no suffragio das almas: alcançamos  
 pera as almas o Ceo, alcãçamos pera nós o premio:  
 os suffragios não são pera nós livrar a nós de priso-  
 es; porque ainda tem os liberdade, sam pera livrar de  
 prisoës as almas, por q̄ vivẽ cativas; vejamos pois o q̄  
 as almas neste cativoiro padecẽ, & teremos logo vō-  
 tade de lhes dar alivio; padecẽ na vōtade q̄ tẽ de ver  
 a Deos, & não ha maior tormẽto de quererẽ de vō-  
 tade a Deos, s̄ o poderẽ lograr a sua vōtade. Isto he  
 o q̄ padecẽ na vōtade as almas: *Anima mea tui bata  
 est valde.* Mas vòs Senhor até quando haveis de cō-  
 tinuar este tormento: *Sed tu Domine usquequo?*

Agora Senhor se queixam novamente de vos, todas as potencias de minha alma, & faço estas queixas por parte das almas, que tendes nas penas. As almas no Purgatorio nam tem memoria? Si, pois se a memoria se lembra das culpas que fez a alma; se sente pella alma havervos offendido; até quando Senhor haveis de molestar esta memoria: *Sed tu Domine usquequo?* Se o entendimento conhece a culpa, & junta mente sente a pena, se entende a ignorancia que teve em vos offender; & ja està entendida em sabervos amar; senam era entendimento nos peccados, & ja he entendimento nos castigos, até quando Senhor nam quereis entender este entendimento: *Sed tu Domine usquequo?* Se a vontade em vinte, quarenta, & oitenta annos foy sempre como neve no vosso amor; huma hora de fogo bastava para se derreter; se vos nam fez a vontade na vida, ja padece muito contra sua vontade na morte, & basta por fineza que de vontade vos ame aquelle em que estais executando o castigo. Pois Senhor se a vontade vos ama quando a castigais, até quando Senhor: *Sed tu Domine*, ha de durar a ira de vontade? *usquequo.* O se quizesse Deos sobera huma alma, ou soberamos nós até quando haviam de durar estas penas! mas no Purgatorio supposto que se entende, nada disto se sabe.

Fiquemos em fim nesta suspençam, em quanto

nam

nam averiguamos com Deos a reposta destas tres  
 perguntas, que fazem as almas, & fallemos com as  
 almas que estam nos corpos, pera sabermos do em-  
 prego de suas potencias; que se o Sermam ( como  
 disse) nam era so das almas, mas tambem pera as al-  
 mas, sejame licito em quanto as do Purgatorio se  
 preparam pera averiguar a sua queixa; saber tam-  
 bem dos homens onde trazem as suas potencias di-  
 vertidas.

Homens que tendes memoria, lembraivos destas  
 penas, & das culpas: Christaos que tendes entendi-  
 mento, entendei como passais a vida, & como vos  
 espera a morte. Almas que tendes vontade amai o  
 que achais em Deos; nam ameis o que achais em  
 vos. Tres grilhoens vos prendem no mundo as tres  
 potencias da alma: as fermosuras vos prendem a  
 memoria, as privanças o entendimento, as honras a  
 vontade. Ora conhecei bem aquelle Imperio que  
 vos prende; vereis como vos defenganais, que tudo  
 sam ferretes da vaidade; prendevos a fermosura  
 a memoria; pois que he a fermosura por  
 quem forcejais os grilhoens. Nam he mais que hũa  
 caveira com duas faces encarnadas, & se chama  
 aos olhos da fermosura diamantes, que ornãm o ro-  
 sto, assi o confinto, mas conhecem os depois, que  
 serviam tambem de pedras, com que se tapavam du-  
 as covas em hũa caveira, & o que era à face gen-  
 tileza

leza do rosto, nos encubria duas covas pera o delengano. Esta fermosura vae esta feitiçaria das liberdades, este ecãto dos setidos, em quãto vive mata; mas pouco tẽpo mata q̃ não morra. Da fermosura disse

Job. 18. n. 13. Job, q̃ a morte a costumava tragar: *Devoret pulchritudinẽ primogenita mors, & dos corpos todos: disse Da*

21. Reg. 14. n. 14. vid, q̃ a morte como agua os costumava beber: *Omnies morimur, & quasi aqua dilabimur.* Pois aos corpos hade beber a morte, & a fermosura hade tragala?

Isto acõtece à fermosura, pois sêdo todos pera a morte bebida, he a fermosura pera a morte, não mais q̃ hũ trago. Embebidos nas fermosuras q̃ sede vos mata? Porq̃ agua morreis? He pella neve de hũa gẽrileza? Por hũ rosto tã melhores aguas? Pois isso q̃ he? He mais q̃ hũ trago da morte? Porq̃ não resolveis este engano da vossa memoria, e por isso na morte se turba a vossa alma: *Anima mea turbata est valde.*

O segũdo grilhão q̃ vos prẽde o entẽdimẽto tam as privaçes; pois q̃ vã a fer as privaçes do mũdo? não vã a fer mais q̃ hũ baxel bõ havegado. O q̃ empavofado caminha! q̃ galhardo navega! loa o tãbor guerreiro, o clarim turba, incha as velas, corta as ondas, mar bonança, viagẽ de rosas; & finalmente ~~o~~ tão altivo, tão soberano, q̃ vomita chamas, metẽdo tal terror se dà a hũa peça fogo, que faz hum relapago no mar, & hũ trovão na terra. Ah baxel enganado! olha q̃ a privaçã dos mares tãbem mostra baixos, & se às

ondas metes o peito, tãbem daràs à costa. Pois espera, levanta se hũ tẽporal, alterãose os mares, espumão as ondas, & já começa a fazer bordos, já se funde a miseravel naveta. Pois de que te servio o teu lastro galhardia das aguas? Não tinhas pera valia hũa carta de marear; não tinhas por estrella hũ Astrolabio? não tinhas por guarnição quatro bandeiras? não te prendião tantas amarras? Si, pois porque te perdes? Porque são privanças do mar; o mesmo norte que as navega, dá com ellas à costa. He baxel hum privado em qualquer Republica; a fortuna lhe incha as velas, o agrado lhe concerta os paveses, a esperança lhe lança as ancoras, ostitulos lhe dão as bandeiras, o seu entendimento lhe acende os feroes, os Principes lhe levantão os mastros, mas se o temporal da fortuna lhe dá pella proa, as velas se rompẽ, & fica o valido arvore seca, os paveses vam ao mar; & fica o valido posto por terra, as ancoras andam pello fundo, & o valido sem ver boia, as bandeiras estendidas, o valido arrastado; os faroes sem luz, o valido morto, os mastros em rachas, o valido em hastilhas; que he logo a privança em qualquer estado, mais q hum baxel etregue às õdas; & por isso nos desvelamos? nisto se ocupa o nosso etẽdimẽto! a potẽcia da alma como te falta aqui a boa rezão? *Anima mea turbata est valde.*

O terceiro grilhaõ que nos prẽde a võtade são as honras; tudo he anelar a fidalguia, desejar voar mais appetecer o melhor sangue, & nam nos lembramos

Adam? Pois que fidalguia foy a deſte Principe; muito grãde Foy Senhor de terras, monarca de todo o mūdo, & não ſe lêbrando de q̄ começou a reinar cō hũa êxada na mão: *poſuit eū in paradifum ut operaretur,*

Gen. 21. quiz ſer na fidalguia ſemelhãte a Deos; porê rēdeo-  
num. 15. lhe tão pouco eſta fidalguia, q̄ ficou cō hũa ſamarra ao peito, podêdo ſujugar todo o mūdo debaixo dos pès. Que vos rende ſenhores hũa cruz no peito, hũ braſam em pergaminho, hũ titulo de terras? Tendes niſto algum privilegio pera a morte? Não; porq̄ ſe a Cruz he habito, nelle tendes a mortalhã; ſe o braſam he fidalguia, cō elle vos abrê a cova, ſe o titulo he ſenhoria, com elle vos piſa a terra. Entrai por hũ ſemitõrio de caveiras, & vede ſe podeis diſtinguir a caveira do Principe, entre as caveiras dos eſcravos, a caveira do Senhor entre as caveiras dos ſervos, a caveira do Pontifice entre as caveiras dos lavradores, & achareis que tudo ſam caveiras, que todas andam por baixo dos pès. Ainda iſto nam he o maior aſſombro; mas tal vez o Principe eſtará no ſemitõrio igual ao eſcravo, & na outra vida o eſcravo eſtará no Ceo, o Principe no inferno; o Senhor eſtará no ſemitõrio igual ao ſervo, & na outra vida o ſervo cō Deos, ſeu Senhor com o Demonio. O Pontifice eſtará no ſemitõrio igual ao lavrador; & na outra vida o lavrador encadeirado, o Pontifice abatido. Como ſenão hade logo perturbar hũa alma nas penas, ſe a ſua vontade appeteece tantos delvanecimētos no mūdo: *Anima mea turbata eſt valde.*

*Sed*

*Sed tu Domine, mas vos Senhor? usquequo.* Até quando, preguntam as almas do Purgatorio, castigareis os appetites desta memoria, & os erros deste entendimento? Até quando Senhor? *usquequo?* Ora Senhor a mim parece-me vos haõ de convencer hoje as almas com vosco mesmo, & que por esta pergunta de hũ quando, lhe deveis dar hum logo? Preguntavos a memoria da alma até quando hamde durar suas penas; pois porq̃ lhe nam haveis de dar logo a gloria? Se as almas estiveram sem tormentos, & vos pediram a gloria, era rezão que lha negasseis, mas se as almas estam em penas, dispensai na mesma ley, & dailhe a gloria. Quereis vos dé exẽplo, & vos mostre q̃ foi isto aççam, q̃ já em outra occasiã fizestes; ou vi Senbor, & daivos por arguido. Fez o bom ladram memoria de vossa gloria, & logo lha concedestes: *Hodie mecum eris in paradiso.* Mas se dahi a quarenta dias se abriu o paraíso, como dispẽsou a vossa lei, Luc. 23. em que naquelle mesmo dia, *hodie* tomasse o ladram num. 43. delle posse? A rezam que descobrimos aqui, he esta. Vistes que este ladram fazia memoria das penas que padecia: *digna factis recipimus*, & fazia memoria da gloria que desejava: *memento mei dum veneris in regnum tuum*, & como esta he a mesma memoria que tem hũa alma em o Purgatorio, dispẽsastes na ley da pena, & pusestes por despacho a gloria: *hodie mecum eris in paradiso.* Bẽ sei q̃ como Iuiz recto nõ deveis dispensar nesta pena das almas, mas como Re

dentor amante podeis dispensar nesta retenção de castigo. Se foy logo Redtor das almas do Purgatorio, porque lhe dilatais o tormento? Este bõ ladrão pedio vos o Reyno: *dum veneris in regnũ tuũ*, vos destelhe o Paraifo: *hodie mecũ eris in paradiso*. Pois porque dispensastes em lhe dar a gloria pello titulo de paraifo, & não pello titulo de Reyno? porque pello Reyno tinheis o titulo de Rey, que quer dizer justicofo. pello paraifo herdastes o titulo de Redtor, que quer dizer amante, & se como Rey justo nam podeis dispensar na pena, como Redtor amãte de ftes ao bom ladrão a gloria. Pois Senhor se as almas tem esta rezaõ, & vòs foy com ellas Redtor, até quando ham de durar estas penas? *usquequo*.

Maiores rezoës crecẽ no entendimẽto pera apurar suas queixas, he verdade que o entendimẽto fez as culpas, a alma faz agora a penitencia; mas tãbem nas penitencias da alma já ouve outra occasiaõ, em que perdoastes os peccados do entendimento. Negouvos Pedro pella lua mesma boca: *negavit*, & perdoastelhe pellas lagrimas: *flevit amare*; pois se a boca pecou, porque senam encaminha o perdãõ a confissam da boca, senam às lagrimas dos olhos? Porque a negaçam da boca foy parto do entendimẽto, as lagrimas dos olhos foram penitencia da alma, & pellas penitencias que a alma faz, se perdoam os erros, que o entendimento comette. Pois Senhor se as almas do Purgatorio fazẽ penitencia pellos erros do seu

feu etêdimêto, & pella penitêcia das almas perdoais  
 os erros q' o entêdimêto faz, q' fazeis Senhor, até quã  
 do hão de durar estas penas? *Sed tu Domine usquequo*  
 Cõ muita afflição argumenta tãbem a vôtade da  
 alma. A vontade das almas em o Purgatorio està cõ  
 voico em amor; amavos, adoravos, & abrazafe por  
 vos de amores, pois porque nam haveis de aliviar lo  
 go das penas, & das culpas a quem vos ama tanto?  
 Duvidareis disto Senhor, pois o mesmo fizestes vos  
 à Magdalena. A rezão que vós destes pera perdoar  
 à Magdalena foy porque amara muito: *remittuntur*  
*ei peccata multa, quoniam dilexit multum.* Pois le as al  
 mas vos amaõ tanto; porque lhes nam haveis de per  
 doar logo? A isto respondeis que a Magdalena se ar  
 rependeo na vida, & que nam continuou as culpas  
 até a sua morte; põem maior fineza fazem por vós  
 as almas; porq' a Magdalena fez penitencia das cul  
 pas amandovos á vista dos vossos favores: as almas  
 fazem penitencias das culpas amandovos à vista de  
 vossos castigos, & muito maior fineza faz, quem por  
 castigos vos ama, do que quẽ por favores vos quer.  
 Amar por favores recebidos he divida, isto fez a Ma  
 gdalena; amar por castigos executados he fineza, if  
 to chegam a fazer as almas. Pois à vista destas fine  
 zas das almas, até quando Senhor? *Domine usque*  
*quo?* ha de durar este castigo? Vós o sabeis Senhor,  
 dizem as Almas, & nam nos convem apurar mais a  
 vossa misericordia.

Mas

Mas adverti q̄ nos não falta hũ terceiro pera inclinar a vossa misericordia nos suffragios, q̄ fazê hoje por vos os nossos Irmãos da terceira, & veneravel Ordē da penitencia. Este terceiro he o nosso Patriarcha chagado, & o vosso mimoso Francisco; vede o q̄ obrou por vós, & saberemos o q̄ haveis de obrar por elle. Tres ordēs fez S. Frãcisco nosso Pay, em q̄ empregando tres potencias da alma, vos sacrificou tres mūdos; na primeira ordē vos sacrificou o mūdo q̄ foi, na segunda o mundo q̄ he, na terceira o mūdo que hade ser. No mundo que foi vos sacrificou a memoria, instituindo a sua primeira ordem, pois lembrandose do que o mundo tinha sido com muitos nos bens, que lhes deu, renunciou os bens do mundo com hũa Religiaõ, que despreza tudo o que o mundo promete. No mundo que he, vos sacrificou o entendimento, instituindo a segunda ordem, pois entendendo o que este mundo dà de si, fechou suas filhas ao mundo, pera que sō a Deos se sacrificassem. Pera o mundo que ha de ser, vos sacrificou a vontade, instituindo a terceira ordem, pois descuidados os homens da penitencia, fez com que na terceira Ordem da Penitencia se lembrassem do mundo que ha de ser, & já experimentamos; assi o advertimos tambē nestes sacrificios, pois se lembra nelles a terceira Ordē das almas do outro mūdo. Logo se nestes suffragios tendes Senhor hũ Patriarcha, que vos faz tres sacrificios, do mūdo q̄ foi cō a primeira

Ordem,

Ordem, do mando, que he com a segunda, do humi-  
do, que hade ser com a terceira, até quando Senhor  
*usquequo*: hã de durar as penas dos filhos deste Pa-  
triarcha? Até quando! (Dai-me licença agora Sen-  
hor que responda por vòs] até este instante, a tã-  
mo representa a rezão, porque hum Patriarcha que  
faz tres actos de amor no sacraficior òs suas ordens,  
ja parece que Deos lhe faz entrega das almas com  
todos os poderes.

Em tres perguntas q Christo fez a Pedro de seu  
amor, fez Pedro tres actos de amor com Christo:  
*Iuscis quia amo te*, disse Pedro tres vezes: Vòs sabeis  
Senhor que vos amo: pello primeiro, & segundo ac-  
to de amor lhe disse Christo que apacentasse os te-  
us cordeiros: *pasce agnos meos*; pello terceiro acto  
de amor lhe disse, que apacentasse as suas ovelhas:  
*Pasce oves meas*; Pois porque rezam Senhor? Nos  
primeiros dous actos de amor fazeis a Pedro Se-  
nhor ~~das ovelhas~~? Si, diz o douto Maldonado, por-  
que pellos cordeiros se entendẽ as almas, q cá estã  
nos corpos; pellas ovelhas as q estã no outro mudo  
& se Christo pello terceiro acto de amor, fez a Pe-  
dro Pastor das almas em o Purgatorio, tambẽ Frãcis-  
co pello terceiro acto de amor, na sua terceira Or-  
dẽ domina no Purgatorio a seus filhos terceiros; cõ  
q o mesmo parece entrar Francisco, por esta razam  
no Purgatorio cõ poder, que entrarẽ seus filhos por  
indul-

u. bl. M  
ca. 12.  
c. 12.

Ioan. 12.

*de cordeiros  
de vobros ofas  
de das vobros*

Mald.in' indulgências no Ceo: *Satis enim constat* (diz Maldo  
 I Jan. 22. nado) *eosdem nunc agnos, & postea oves appellare.*  
 num. 60.

Ia agora vos nam pergunto Senhor, até quando  
 ham de durar estas penas: *usquequo?* Porque em quã  
 to as almas nam descobriam no Purgatorio a Fran-  
 ciseo Pastor, diriam cada huma por si: *Anima mea*  
*turbata est* *usquequo?* mas entrando Francisco a pasto-  
 rear as almas, já nam perguntarãm: até quando Se-  
 nhor: *usquequo?* Em quanto nam viam a Francisco  
 advogado, diriam cada huma por si: *Anima mea tur*  
*bata est valde*, mas entrando Francisco a advogar  
 pellas almas, já nam diriam até quando Senhor: *us*  
*quequo?* Em quanto senam lembravam de Francis-  
 co Pay, diriam a sua turbaçam: *Anima mea turbata*  
*est valde*; mas entrando Francisco a apadrinhar seus  
 filhos, já nam preguntarãm pellos *quandos* do tor-  
 mento: *usquequo?* Bemdito sejais Senhor que pellos  
 sacrificios de hum Pay Santo, quereis livrar das pe-  
 nas a tantos peccadores: affilo permiti pera con fu-  
 sam do Inferno, pera credito de vossos Santos, & pa-  
 ra aplaudo de vossa gloria: *Ad quam nos perducat,*  
*&c.*

F I M